

A guerra sem guerra: a revisitação da epopeia por Pessoa e Sophia

[War without war:
revisiting Camões' epics by Pessoa and Sophia]

Sofia de Sousa Silva*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Revisitação dos clássicos, Caráter não-bélico, Releituras da epopeia.

Resumo

Este artigo analisa a transformação do tema clássico da epopeia em Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen em diálogo com algumas observações feitas por Cleonice Berardinelli sobre *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, e *Mensagem*, de Fernando Pessoa. As epopeias associam a literatura a um campo de guerra, mas o artigo procura salientar que Pessoa introduz uma perspectiva inteiramente distinta em *Mensagem*, que poderia ser chamada de anti-épica ao valorizar personagens cuja importância histórica é pouca ou nenhuma. O estudo também explora a influência desse aspecto menos notado de *Mensagem* em poetas modernos, como Sophia de Mello Breyner Andresen, que reinterpreta narrativas épicas para dissociá-las de ideologias colonialistas. Em suma, o artigo destaca a abordagem transformadora da mitologia nacional através da poesia a partir de Pessoa, contrastando com o estilo épico clássico de Camões.

Keywords

Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Revisiting the classics, Non-warlike character, Reinterpretations of the epic.

Abstract

This article examines the transformation of the classical theme of the epic in the works of Fernando Pessoa and Sophia de Mello Breyner Andresen, in dialogue with certain observations made by Cleonice Berardinelli regarding *Os Lusíadas* by Luís de Camões and *Mensagem* by Fernando Pessoa. Epic poems traditionally associate literature with a battlefield; however, the article seeks to emphasize that Pessoa introduces an entirely distinct perspective in *Mensagem*, which could be described as anti-epic, since it values characters whose historical importance is minimal. The study further explores the influence of this often-overlooked aspect of *Mensagem* on modern poets, such as Sophia de Mello Breyner Andresen, who reinterprets epic narratives to dissociate them from colonial ideologies. In summary, the article highlights a new approach to national mythology through poetry since Pessoa, contrasting it with Camões' classical epic style.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A relação entre *Mensagem*, de Fernando Pessoa, e *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, tem sido objeto de diversos estudos. Gostaria de destacar aqui o de Cleonice Berardinelli, intitulado “*Os Lusíadas e Mensagem: um jogo intertextual*”, publicado no seu volume de *Estudos camonianos*, cuja primeira edição é de 1973. Nele, a professora e ensaísta analisa pontos em comum entre os dois poemas, distantes quase quatro séculos um do outro. Em ambos, identifica o orgulho pela expansão marítima portuguesa, o início da narração da história de Portugal pela descrição da terra, a presença e a valorização de uma origem mítica da pátria, a proximidade entre os personagens do gigante Adamastor e o mostrengo, o destaque dado à figura do condestável Nuno Álvares Pereira, e o fato de que ambos os poemas são, cada um à sua maneira, dedicados a d. Sebastião, e percorridos por uma “linha sinuosa [...] ascendente, ingrememente descendente e, por fim, em ligeira ascensão” (BERARDINELLI, 2000: 137). Ao mesmo tempo, não deixa de sublinhar também diferenças significativas entre os poemas, como a ênfase posta por Pessoa na tristeza e na má sorte (por exemplo no caso de d. Duarte, do infante d. João ou do infante Pedro das sete partidas); e o destaque maior a d. Manuel, em Camões, e a d. João II, em Pessoa, e sobretudo, o fato de que Camões enumera tão largamente quanto possível todos os reis de Portugal, enquanto Pessoa faz deles uma seleção muito particular.

António Apolinário Lourenço, na sua edição de *Mensagem*, lembra que “quase tão incorrecto como ignorar a presença camoniana em *Mensagem*, é exacerbar essa presença” (LOURENÇO, 2008: 46). Pensando nisso, gostaria de lembrar um aspecto para o qual Cleonice Berardinelli chamava mais a atenção nas suas aulas do que propriamente nesse ensaio: a presença de um poema dedicado ao infante d. João.

Um dos filhos de d. João I, o antigo mestre de Avis, em nome de quem a primeira revolução burguesa da Europa foi feita já no século XIV (SÉRGIO, 1983: 32), e de d. Filipa de Lencastre — rei e rainha que ocupam espaço relevante tanto no poema de Camões como no de Pessoa —, esse personagem histórico pertenceu àquela que Camões chamou a “íclita geração”, com seus “altos Infantes” (*Lus.*, IV, 50). Uma geração que deu origem ao rei cavaleiro e escritor d. Duarte, que sucedeu ao pai no trono; ao infante santo, d. Fernando; ao regente de Portugal Pedro, o infante das sete partidas; e ainda ao reputado idealizador da escola de Sagres, Henrique, o Navegador. Entre tão célebres irmãos, a presença do infante d. João em *Mensagem* é até um pouco desconcertante, pelo modo como ele se apresenta neste poema em primeira pessoa:

Não fui alguém. Minha alma estava estreita
Entre tam grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemmente parada;

(PESSOA, 2008 [1934]: 72)

Um advérbio é até criado para explicitar a sua condição: “virgemmente”.

O destaque e a importância dados a esse personagem mostram logo o caráter problemático do nacionalismo de *Mensagem*, que ainda hoje é por vezes objeto de simplificação e caricatura. A presença do herói da *Odisseia*, Ulysses, logo no início da seção “Os castelos”, dedicada aos construtores da pátria, num poema em que se define o mito como “o nada que é tudo” e a vida como “metade de nada” (PESSOA, 2008 [1934]: 59), já anunciava que não era de História com H maiúsculo que se trataria ali. Como mostra Eduardo Lourenço, *Mensagem* é a construção de um império de sonho e não a valorização de um sonho de império, como queria Salazar (LOURENÇO, 1996).

O mesmo se pode dizer sobre a presença do poema dedicado ao infante d. João. O não ter existido, no caso de Ulysses, ou o não ter sido alguém, no caso desse infante, ou o ter caído no areal e se transformado em mito, no caso de d. Sebastião (PESSOA, 2008 [1934]: 107), são surpreendentemente mais eficazes para imortalizar alguém do que qualquer feito militar. O que parece interessar a Pessoa é levar adiante e talvez radicalizar o projeto camoniano de inspiração clássica de imortalizar pela poesia, de cantar para libertar da lei da Morte, tornando o valor do canto superior ao da matéria histórica.



Fig. 1. Túmulo do infante d. João, morto em 1442, e de d. Isabel, sua esposa. Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha), Portugal

O personagem do infante d. João tem algo que poderíamos aproximar dos personagens de Tchekhov, imóveis à espera de um acontecimento, ou de Beckett, presos na trama de suas conjecturas. Ao inseri-lo no seu poema, Pessoa, que embora possa fazer o elogio de notórios assassinos — como o rei Afonso Henriques, a quem pede a bênção como espada e a espada como bênção —, torna-o indiscutivelmente um personagem da literatura moderna e distante do espírito clássico de exaltação da guerra, tão afinado, aliás, com o espírito do século XVI, tempo das navegações e do nascimento do capitalismo globalizado antes ainda da Revolução Industrial.

Pois embora a epopeia camoniana também se afaste do modelo grego, entre outras razões, pelo modo como incorpora a voz lírica e os lamentos do poeta¹, além de ser crítica à coroa portuguesa, no que diz respeito ao lugar da violência, ela segue o exemplo do banho de sangue, de que a *Ilíada* é o expoente.²

De fato, em *Mensagem*, estamos muito longe do dilaceramento de corpos que se vê nos cantos III e IV d’*Os Lusíadas*, quando Vasco da Gama conta ao rei de Melinde a batalha de Ourique, por exemplo:

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que também do campo a cor se perde,
Tornado carmesi, de branco e verde.

(*Lus.*, III, 52)

Ou quando conta as do Salado e de Aljubarrota, em que a violência não é menor.³

O caráter sanguinário das epopeias clássicas é sublinhado numa obra recente da poeta contemporânea Luiza Romão que, no seu livro *Também guardamos pedras aqui*, lembra que: “A literatura ocidental começou com um massacre” (ROMÃO, 2021: 7). E, num outro poema, após escrever todos os verbos que significam matar usados na *Ilíada*, cobre-os com uma barra, o que produz uma sequência de vinte e sete linhas totalmente cobertas por uma tarja preta, dando ideia da quantidade de sinônimos empregados, e desnaturaliza a morte escrita na literatura (ROMÃO, 2021: 10).

Mas, voltando a Pessoa, o gesto que faz ao escrever *Mensagem* parece-nos abrir caminho para outras revisitações na epopeia, como ocorre com Sophia de Mello Breyner Andresen, nas suas *Navegações* (1983). A presença intertextual de Pessoa na obra de Sophia tem sido objeto de diversos estudos, que sinalizam também o quanto essa relação está longe de ser apaziguada.⁴ Interessa aqui pensar um pouco a leitura que a obra de Sophia revela especificamente de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

¹ Ver: BERARDINELLI (2000), em particular “Os excursos do Poeta n’*Os Lusíadas*”.

² Frederico Lourenço, em vídeo publicado em seu canal no YouTube, lembra que a *Ilíada* não é só o elogio do heroísmo, mas mostra também o outro lado da guerra, por meio de suas principais vítimas, as mulheres e as crianças. O professor, ensaísta e tradutor lembra ainda que o próprio Aquiles oferece um contraponto ao ideal da masculinidade heroica ao pôr a guerra em questão, enaltecendo a singularidade e o valor da vida humana (LOURENÇO, 2024).

³ Ver: BERARDINELLI (2000), em particular “Ourique, Salado e Aljubarrota”.

⁴ Cf. SILVA (2018: 198-210), onde estudo com mais profundidade alguns aspectos da relação entre Sophia e Pessoa. A fortuna crítica sobre a questão é vasta. Ver, por exemplo, BARBOSA (2001); KLOBUCKA (1996); LOURENÇO (2013); MARTELO (2010); MARTINHO (1983 e 2013); e MARTINS (2012).



Fig. 2. Livro e poema de Luiza Romão (2021)

Um dos mais antigos testemunhos dessa leitura talvez seja o que se encontra no catálogo da exposição sobre o espólio de Sophia, confiado à Biblioteca Nacional de Portugal. Numa carta à sua mãe, sem data registrada, mas datada possivelmente ainda dos anos 40, ela escreve: “Vou mandar-lhe um livro maravilhoso, para ler religiosamente. É *Mensagem* do Fernando Pessoa. Comece por ler ‘Horizonte’ na pág. 52 e o ‘Mostrengo’ pág 56. É um livro para nós duas” (ANDRESEN, 2011: 33). Esse maravilhamento contrasta com os termos com que mais comumente se refere a Pessoa e em especial com a entrevista concedida em 1982, a Maria Armanda Passos, onde fala da “guerra” que teve com esse poeta, na qual diz: “[...] no Fernando Pessoa há um ascetismo, uma renúncia... Não é ‘Obedece como um cadáver’, como diziam os jesuítas, mas é ‘escreve como um cadáver’”; e acrescenta: “[...] é necessário superar a renúncia. Fernando Pessoa é um poeta que morreu para que a poesia vivesse. (ANDRESEN, 1982: 5).

De certo modo Sophia compartilha do ponto de vista da sua geração que ora considera Pessoa alguém que não viveu por não ter sido propriamente um poeta do amor, ora o considera como alguém que não viveu por não ter tido uma militância política à esquerda claramente definida, ou por não ter assumido uma personalidade poética única. Mas, apesar do diagnóstico aparentemente definitivo, encontram-se testemunhos da leitura da poesia de Pessoa espalhados pela obra de Sophia e em particular até de *Mensagem*. É curioso que o livro que leva a mais equívocos na leitura de Pessoa seja o que mais lhe interessa. E *Navegações*, publicado pela primeira vez em 1983, talvez seja o livro por excelência dessa leitura de *Mensagem*.

Constando de 25 poemas, e publicado em edição da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, o livro inclui reproduções dos manuscritos de três poemas, versões dos poemas para inglês e francês, além de mapas dos séculos XV e XVI e é dividido em três partes, que formam um percurso: Lisboa, As ilhas, Deriva. *Navegações* é apenas o segundo livro que Sophia publica depois do 25 de Abril de 1974, e se segue a *O nome das coisas*, fato que merece atenção. Se *O nome das coisas* é o livro em que se pode efetivamente celebrar a Revolução dos Cravos, e onde se encontra o célebre poema “25 de Abril” (ANDRESEN, 2015: 668), que fala da madrugada esperada, do dia inicial inteiro e limpo, esse livro é ao mesmo tempo onde se pode celebrar uma libertação da linguagem, depois de tanto tempo de propaganda salazarista, e chamar as coisas pelos seus nomes.

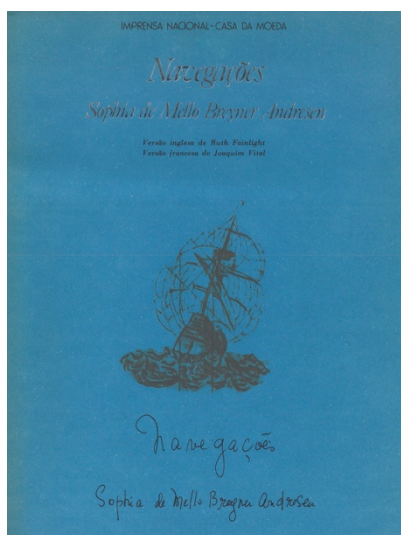


Fig. 3. Capa da 1.ª ed. de *Navegações*, publicada em 1983 pela INCM, Lisboa.

Fig. 4. “Lopo Homem”, 1519. Mapa-múndi. Coleção de Marcel Destombes, Paris.

Reprodução de página do livro *Navegações*. A escolha do mapa com os ventos personificados enfatiza a mistura entre a geografia e a poesia

Navegações representa uma surpreendente guinada na obra de Sophia, conforme discuti anteriormente (cf. SILVA, 2022). Sua poesia sempre buscou por ar num Portugal salazarista que martelava o caráter simultaneamente audacioso e pródigo das navegações como justificativa para um vergonhoso colonialismo em pleno século XX. E penso que seja justamente por essa razão que o Portugal do pós-25 de Abril lhe pedia uma outra fala sobre as viagens que os portugueses fizeram nos séculos XV e XVI e sobre a poesia épica camoniana, tão tristemente apropriada pelo Estado Novo. Era preciso dissociar *Os Lusíadas* do uso que deles foi feito ao longo do século XX pelo Estado Novo para justificar o colonialismo português.

É certo que o programa inicial do Movimento das Forças Armadas previa que com o 25 de Abril de 1974 haveria a descolonização imediata da África Portuguesa, o que não ocorreu. A independência das colônias africanas, na maior parte dos casos, só se deu no ano de 1975. Nesse momento Portugal pôde finalmente assistir à derrota

de um mortífero projeto colonial que durou vários séculos. E com isso as viagens dos portugueses, que se desenrolaram ao longo de séculos por longitudes, terras e gentes as mais diversas, puderam ser novamente cantadas, em outros tons. Sophia teve a coragem e a ousadia, mas sobretudo a necessidade de publicar uma segunda navegação. E se em vez de transformar a poesia em véu que encobre a desesperadora teia que queimou milhares de vidas e destruiu culturas milenares, a escrita procurasse se embrenhar naquilo que Luís Miguel Nava desenvolve num ensaio sobre *Navegações*: “uma aventura radicada no contacto com um mundo encarado como imanência pura e na capacidade de o homem se deixar maravilhar por um real que excede todas as expectativas” (NAVA, 2004: 174).

O colonialismo e o salazarismo procuraram seduzir ao se apossar de percur-sos imaginários de liberdade e de maravilhamento. Talvez seja mesmo isso que se encontre presente em poemas deste livro, como se pode ver neste:

IV

“Dolce color d’oriental zaffiro”

Dante, *Purgatório*, Canto I, terceto 5

Aqui viu o surgir em flor das ilhas
Quem vindo pelo mar desceu ao sul
E o cabo contornou para nascente
Orientando o cortar das negras quilhas

E sob as altas nuvens brancas liras
Os olhos viram verdadeiramente
O doce azul de Oriente e de safiras

1977

(ANDRESEN, 2015: 726)

A pureza das ilhas e dos lugares desconhecidos a que nos conduz Sophia nesse livro inverte a lógica do “Era uma vez...”, pois sabemos que as navegações históricas nunca foram assim, belas, livres, puras, isso é apenas uma possibilidade das viagens da palavra da poesia. É como se diante do crime histórico das navegações, que eram apresentadas como um grande feito, Sophia dissesse que o fazer é obra da poesia, e é por isso que o seu livro é uma singular afirmação da literatura. Não se trata de fazer poesia para a justificativa de eventos históricos, mas de navegar em meio à literatura, sendo por isso, talvez, o seu único livro de poemas com notas, que mostram seu desejo de explicitar as alusões e citações feitas a companheiros de viagem: a Camões, Pero Vaz de Caminha, Pessoa, Jorge de Sena.

Poucos anos antes, num ensaio intitulado “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento”, Sophia dera uma pista importante para a leitura das *Navegações*: “Camões celebra o surgir, o aparecer, aquilo a que os gregos chamaram ‘aletheia’. Celebra os homens que buscam a desocultação, o emergir do fenómeno, a escrita da terra” (ANDRESEN, s.d.: 159).

A aposta no aparecer por parte de Sophia é em todo oposta à manipulação da palavra num regime baseado na censura e no cerceamento da palavra. A navegação oferece uma nova visualidade, leva a imaginação por novas paragens, sob um novo céu, e tende a uma frase: terra à vista. Sophia valoriza justamente a capacidade de fazer surgir um mundo na épica camoniana e no poema pessoano. Ela procura em *Os Lusíadas*, para além do discurso nacionalista do regime, a celebração do olhar, “o emergir do fenómeno, a escrita da terra”.

É a *Mensagem* como puro dizer, como nomear que revela, que a move. E em particular o poema “Horizonte”, uma possível revisitação da ilha dos amores camoniana, onde os nautas serão recebidos pelas ninfas e onde Vasco da Gama será levado pela mão de Tethys a conhecer a Máquina do Mundo. Esse poema parece concentrar o Camões e o Pessoa que mais a interessam, de tal maneira que se dá aqui o fenómeno que Jorge Luis BORGES (1999: 96-98) descreve em seu texto sobre Kafka e os seus precursores: conhecendo-se a obra de Sophia, é o poema de Pessoa que faz lembrar a ela, e não o contrário.

II.

Horizonte

Ó mar anterior a nós, teus medos
 Tinham coral e praias e arvoredos.
 Desvendadas a noite e a cerração,
 As tormentas passadas e o mysterio,
 Abria em flor o Longe, e o Sul siderio
 Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
 Quando a nau se approxima ergue-se a encosta
 Em arvores onde o Longe nada tinha;
 E, no desembarcar, ha aves, flores,
 Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as fórmas invisiveis
 Da distancia imprecisa, e, com sensiveis
 Movimentos da esperança e da vontade,
 Buscar na linha fria do horizonte
 A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
 Os beijos merecidos da Verdade.

(PESSOA, 2008 [1934]: 90)

Nas notas da autora, há dois poemas identificados explicitamente como “invocações da voz de Camões”. O primeiro desses poemas, que leva o número I na seção “As ilhas”, diz:

I

Navegámos para Oriente —
A longa costa
Era de um verde espesso e sonolento

Um verde imóvel sob o nenhum vento
Até à branca praia cor de rosas
Tocada pelas águas transparentes

Então surgiram as ilhas luminosas
De um azul tão puro e tão violento
Que excedia o fulgor do firmamento
Navegado por garças milagrosas

E extinguiram-se em nós memória e tempo

1977

(ANDRESEN, 2015: 721)

A junção da poesia com a visualidade é marcante nessa navegação para o Oriente que percorre uma costa de um verde intenso, que repete a si mesmo por meio da junção desse substantivo com o adjetivo *espesso*, já que *espessura* designa um arvoredo denso, como num bosque ou floresta. A ausência de vento, que faria o barco avançar, torna o verde sonolento. A poesia mostra a areia *cor de rosas*, que podem ser brancas até, em vez do já inexpressivo “cor de rosa”. E surge como surgem as ilhas, numa abundância que não se sabe se de mundo ou de palavras, ambos necessariamente podendo ser ditos por meio de cores e seus adjetivos (luminoso, puro, violento, espesso). A palavra da poesia não apenas nomeia, ela também surge ao fazer surgir esse espaço de descoberta, que se escreve em latim: *inventio*. Estamos habituados a pensar nas navegações como algo passado, mas as viagens de que participamos em Sophia extinguem a memória e o tempo, por serem inteiramente nascimento.

Em resumo, poder-se-ia dizer que esse poema lembra a chegada de Vasco da Gama e sua tripulação à ilha dos Amores, nas estrofes 52 a 63 do canto IX d’*Os Lusíadas*, onde a beleza da paisagem e abundância da flora são descritas com riqueza de detalhes e cores. Mas o poema III da mesma seção é ainda mais próximo em estilo de Camões:

III

À luz do aparecer a madrugada
Iluminava o côncavo de ausentes
Velas a demandar estas paragens

Aqui desceram as âncoras escuras
Daqueles que vieram procurando
O rosto real de todas as figuras
E ousaram — aventura a mais incrível —

Viver a inteireza do possível

1977

(ANDRESEN, 2015: 725)

No poema I, a invocação de Camões se fazia pela junção da poesia com uma visibilidade ampla, geral, que se abre para um novo espaço. Agora no poema III começa uma nova aventura, que não consiste apenas no ir ousadamente abrindo espaço, mas que é da ordem da inteireza, do confronto com o que não se sabia antes, “O rosto real de todas as figuras”. Isso não é sair da aventura para o metódico levantamento do terreno, mas a “aventura mais incrível” por ser a capacidade de sonhar o real, ou “Viver a inteireza do possível”. Como veremos, essa é a grande vocação da poesia, segundo Sophia de Mello Breyner Andresen

Já o poema XIII é, segundo a autora, “uma invocação de Pessoa, que disse pertencer ao número daqueles portugueses que depois da descoberta da Índia ficaram sem emprego” (ANDRESEN, 2015: 750). Trata-se de uma alusão um pouco maldosa, por não estabelecer a distinção entre um testemunho e um verso de Álvaro de Campos, aos versos do poema “Opiário”, de Álvaro de Campos, que dizem:

Pertenço a um genero de portugueses
Que depois de estar a India descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vêzes.

(PESSOA, 2014: 40)

O poema de Sophia insiste em alguns dos temas que permeiam a sua relação com Pessoa:

XIII

Canção rente ao nada
No silêncio quieto
Da noite parada

Como quem buscasse
Seu rosto e o errasse

1982

(ANDRESEN, 2015: 745)

A “guerra” que a autora teve com Pessoa parece voltar a dar sinais aqui, pois novamente surge a acusação contra ele de ser um poeta que alimenta o vazio, canta rente ao nada. A própria questão de buscar o seu rosto (como se ele não tivesse um, ao invés de ter muitos) é resolvida por meio do recurso ao verbo *errar*, de tão camoniana ressonância, já que é o poeta quinhentista o autor do verso “Errei todo o discurso de meus anos”. Curiosamente, tanto no sentido de erro, como no de errância, esse verbo retoma uma ideia da escrita como experiência: errar o próprio rosto, experimentá-lo, dar a cara a tapa.

Ironicamente, o verbo e o verso camoniano conseguem “apaziguar os ânimos” nesta disputa que começa com uma certa oposição entre Pessoa e Camões, passa por uma oposição entre Sophia e Pessoa e chega a uma convergência entre os três poetas.

Neste ano de 2024, em que comemoramos simultaneamente os quinhentos anos de Camões, os noventa anos da publicação da *Mensagem*, e os cinquenta da Revolução dos Cravos, a mais poética das revoluções — feita com cravos e sem tiros, para dar fim a uma guerra —, estes poemas vêm lembrar que a defesa da poesia pode ser um gesto relevante contra o totalitarismo.

Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2015). *Obra poética*. Com prefácio de Maria Andresen de Sousa Tavares. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____. (1982). “Escrevemos poesia para não nos afogarmos no ca[o]s”. Entrevista a Maria Armada Passos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 16 de fevereiro, p. 2-5.
- _____. (anos 40?). Carta à mãe, sem data. In: *Sophia de Mello Breyner Andresen: Uma vida de poeta*. Catálogo da Exposição. Biblioteca Nacional de Portugal, 26 de janeiro a 30 de abril de 2011, p. 33.
- _____. (s.d.). “Luís de Camões: ensombramento e descobrimento”. In: *Poemas escolhidos*. [s.l.]: Círculo de Leitores p. 149-164. (Primeira publicação: *Cadernos de Literatura*, n.º 5, Coimbra, 1980.).
- BARBOSA, Marcia (2001). *Sophia Andresen: leitora de Camões, Cesário Verde e de Fernando Pessoa*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo.
- BERARDINELLI, Cleonice (2000). *Estudos camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Cátedra Padre António Vieira: Instituto Camões. 2.ª ed. revista e ampliada.
- BORGES, Jorge Luis (1999). “Kafka e seus precursores”. *Outras inquisições*. Trad. Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Globo, p. 96-98. (*Obras completas* II.)
- BREYNER, Sophia de Mello; SENA, Jorge de (2010). *Correspondência 1959-1978*. Lisboa: Guerra e Paz. 3.ª ed.
- CAMÕES, Luís de (1572; ed. util. 1997). *Os lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora.
- KLOBUCKA, Anna (1996). “Sophia ‘escreve’ Pessoa”. *Colóquio-Letras*, n.º 140/141, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, abr./set., pp. 157-176.
- LOURENÇO, António Apolinário (2008). “Introdução”; in: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Coimbra: Angelus Novus.
- LOURENÇO, Eduardo (1996). “Sonho de império e império de sonho”; in: PESSOA, Fernando. *Mensagem. Poemas esotéricos*. José Augusto Seabra (org.). UNESCO. Colección Archivos.
- LOURENÇO, Frederico (2024). “A Ilíada de Homero — O escudo de Aquiles”. 26 de março. Disponível em: <https://youtu.be/P8Gn6wSxTeA?si=E0CQbL3hRGOoqH0X>.
- _____. (2013). “O não vivido na obra poética de Sophia”. *Sophia de Mello Breyner Andresen – Actas do Colóquio Internacional*. Maria Andresen de Sousa Tavares / Centro Nacional de Cultura (org.). Porto: Porto Editora, pp. 147-151.
- MARTELO, Rosa Maria (2010). “Diante dos nomes, as coisas”. In: *A forma informe: leituras de poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 35-45.
- MARTINHO, Fernando J. B. (2013). “Sophia na Grécia com Pessoa”. *Sophia de Mello Breyner Andresen – Actas do Colóquio Internacional*. Maria Andresen de Sousa Tavares / Centro Nacional de Cultura (org.). Porto: Porto Editora, pp. 225-231.
- _____. (1983). *Pessoa e a moderna poesia portuguesa — do Orpheu a 1960*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- MARTINS, Fernando Cabral (2012). “Passo muito depressa no país de Caeiro”. In: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Os poemas sobre Pessoa: antologia*. Maria Andresen de Sousa Tavares (sel. e org.). Lisboa: Caminho, pp. 11-20.
- NAVA, Luís Miguel (2004). “As navegações de Sophia”. *Ensaio reunidos*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 174-178.
- PESSOA, Fernando (2014). *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china.
- _____. (1934; ed. util. 2008). *Mensagem*. Edição preparada segundo o exemplar de 1934 corrigido pelo punho de Fernando Pessoa. Organização de Cleonice Berardinelli e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7 letras.
- ROMÃO, Luiza (2021). *Também guardamos pedras aqui*. São Paulo: Nós.
- SÉRGIO, António (1983). *Breve interpretação da história de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa. 11.ª ed.

- SILVA, Sofia de Sousa (2022). "Projecto: derivações e deriva". *Sobre Sophia: Novas leituras*. Maria Andre-sen de Sousa Tavares e Fernando Cabral Martins (org.). Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 163-173.
- (2018). "A vida verdadeira e a errada: Pessoa lido por Sophia". *A mão mais inundada: ensaios sobre poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Silvana Pessoa e Wagner Moreira (org.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, pp. 198-210.

SOFIA DE SOUSA SILVA é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem mestrado e doutorado pela PUC-Rio, com tese sobre as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Adília Lopes. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na Universidade do Porto, em Portugal, e é colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e membro da rede de pesquisa Lyra Compoetics. Publicou *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar* (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016). Coordena nessa editora a coleção Atlântica, dedicada à poesia portuguesa moderna e contemporânea. Organizou o volume *Aqui estão as minhas contas: antologia poética* (2019), de Adília Lopes.

SOFIA DE SOUSA is a professor at the Federal University of Rio de Janeiro. She holds a master's and a Ph.D. from PUC-Rio, with a dissertation on the works of Sophia de Mello Breyner Andresen and Adília Lopes. She completed postdoctoral research at the University of Porto in Portugal and is a collaborator at the Margarida Losa Institute for Comparative Literature and a member of the Lyra Compoetics research network. She published *Fernando Pessoa: para descobrir, conhecer e amar* (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016). She also coordinates the *Atlântica* collection at this publisher, dedicated to modern and contemporary Portuguese poetry. She organized the volume *Aqui estão as minhas contas: antologia poética* (2019), by Adília Lopes.